

A Forma do Batismo

Imersão, efusão e aspersão diante das Escrituras

Bispo Ildo Mello · Igreja Metodista Livre do Brasil

Texto-base: Efésios 4.4–6; Ezequiel 36.25–27; Tito 3.5–6

Objetivo da aula: examinar se a Escritura impõe um único modo de administrar o batismo e concluir, com base bíblica, histórica e pastoral, sobre a validade da imersão, da efusão e da aspersão.

Para começar: uma pergunta e uma provocação

Se a forma do batismo fosse essencial para a sua validade, não deveríamos esperar um mandamento explícito de Jesus ou dos apóstolos a respeito?

E aqui vai a provocação que deixo para o fim da aula, mas já planto agora: por que aqueles que são tão rigorosos quanto à forma correta do batismo não aplicam o mesmo rigor à Ceia do Senhor, optando por suco de uva em lugar do vinho e pão fermentado em lugar do pão ázimo?

Quero ser honesto sobre o meu ponto de partida. Não estou aqui para desqualificar a imersão — ela é bíblica, antiga e carrega uma simbologia belíssima. Estou aqui para mostrar que **transformar a forma em requisito de validade** não encontra respaldo na Escritura, e que essa exigência tem produzido divisão onde deveria haver comunhão.

1. O silêncio normativo do Novo Testamento

Começemos pelo dado mais simples e mais frequentemente ignorado: **não existe, em todo o Novo Testamento, uma única prescrição sobre o gesto do batismo.**

Jesus mandou batizar (Mt 28.19). Não disse como. Os apóstolos batizaram (At 2; At 8; At 10; At 16). Os textos descrevem que batizaram, não descrevem a coreografia.

Isso não é acidente. Em questões que Deus considera essenciais, a Escritura costuma ser detalhada — pense na minúcia das instruções sobre o tabernáculo, sobre os sacrifícios, sobre a Páscoa. Onde a Bíblia se cala quanto ao procedimento, é temerário construirmos ali um teste de ortodoxia.

O que a Escritura fixa é o **significado**: união com Cristo em sua morte e ressurreição (Rm 6.3–5), purificação e regeneração pelo Espírito (Tt 3.5–7), boa consciência diante de Deus (1Pe 3.21). A forma serve ao significado; ela não é o significado.

2. O pano de fundo bíblico: purificação nunca teve gesto único

Quem argumenta que "batismo só pode ser imersão porque *baptizo* significa imergir" precisa enfrentar o modo como a própria Bíblia usa a palavra.

No Antigo Testamento, a purificação ritual aparece tanto por **aspersão** (Nm 19; Lv 14; Hb 9.13,19,21) quanto por **banhos e lavagens**. No judaísmo do Segundo Templo havia os *mikva'ot* — banhos rituais de imersão — e também ritos de aspersão. Os dois convivendo, sem conflito.

E o Novo Testamento usa o vocabulário do batismo para esses ritos que **não** eram imersão:

- **Marcos 7.4** fala de "lavar" (βαπτισμός) copos, jarros e utensílios de bronze — e a lavagem ritual desses objetos se dava por derramamento de água (cf. Nm 19.13–20).
- **Hebreus 9.10** fala de "abluições" (βαπτισμοίς), referindo-se aos ritos levíticos que incluíam aspersão (Êx 29.21).
- Na versão grega de **Daniel 4.33**, Nabucodonosor é "molhado" (verbo da mesma raiz, βάπτω) pelo orvalho do céu — orvalho que cai de cima, não em que se mergulha.
- **Eclesiástico 34.30** (tradução grega, c. 132 a.C.) usa *baptizo* para descrever a aspersão de água na purificação de quem tocou um cadáver (cf. Nm 19.13).

Os léxicos registram essa amplitude. O verbo cobre mergulhar e imergir, mas também lavagens rituais, abluições, molhar, embeber, aspergir.

Portanto, o argumento lexical não fecha a questão a favor de nenhum lado. Ele apenas mostra que a palavra é mais larga do que a controvérsia moderna supõe.

3. A Didaqué: preferência sem exclusividade

O documento cristão mais antigo que trata do assunto fora do Novo Testamento é a **Didaqué** (fim do século I ou início do II). Vale citar por extenso, porque o texto resolve muita coisa:

"Quanto ao batismo, procedam assim: depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Se não se tem água corrente, batize em qualquer outra água; se não puder batizar em água fria, faça-o em água quente. Na falta de uma e outra, derrame três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Didaqué 7.1-3).

Observe a lógica do documento. Existe uma **hierarquia de preferência** — água corrente é o ideal. E existe uma **legitimação explícita da alternativa** — na falta de condições, derrame-se água sobre a cabeça, e o batismo é batismo.

Isso significa que, desde a primeira geração após os apóstolos, a Igreja reconhecia mais de um modo válido. Quem hoje declara inválido um batismo por efusão está sendo mais rigoroso do que a comunidade cristã do século I.

4. Leitura honesta dos textos usados como prova da imersão

Sejamos justos com os textos que os imersionistas citam.

"Desceram ambos à água" (At 8.38-39). A expressão descreve o **local**, não o gesto. E há um detalhe que costuma passar despercebido: o texto diz que **Filipe e o eunuco** desceram à água, mas só o eunuco foi batizado. Se descer à água significasse ser imerso, Filipe teria sido batizado junto. Um paralelo esclarecedor está em Juízes 7.4-5, onde Gideão faz os homens descerem às águas para um teste que não envolve imersão alguma.

Some-se a isso um dado geográfico: a estrada de Jerusalém a Gaza atravessa região desértica (At 8.26), onde rios e fontes abundantes não eram exatamente comuns.

"Saiu da água" (Mt 3.16). A preposição grega usada (ἀπό) indica afastamento **da** água, não emersão **de dentro da** água. A mesma construção aparece em Atos 9.8, quando Saulo se levanta "da" terra — e ninguém supõe que ele estivesse enterrado.

"Muitas águas" em Enom (Jo 3.23). Indica abundância e acessibilidade para multidões, não normatização de gesto. João batizava ali porque havia água suficiente para muita gente, o que é verdadeiro em qualquer modalidade.

Três mil batizados em um dia (At 2.41). O texto não detalha o procedimento. Havia *mikva'ot* em Jerusalém, é verdade — mas o silêncio do relato mostra que Lucas não

considerava o modo um ponto doutrinário. Doze apóstolos imergindo três mil pessoas individualmente é logisticamente possível, mas o texto simplesmente não afirma isso.

O carcereiro de Filipos (At 16.33). Batizado de madrugada, dentro do complexo carcerário ou na casa anexa, com as portas da cidade fechadas. Até o pastor batista Tácito da Gama Leite Filho reconheceu, em *Seitas Proféticas*, que "o carcereiro de Filipos e seus familiares certamente não foram batizados em um rio, pois era de madrugada e as portas da cidade estavam fechadas".

Paulo em Damasco (At 9.18; 22.16). O grego sugere ação simultânea entre levantar-se e ser batizado. Numa casa judaica comum, não havia tanque de imersão à disposição.

Nenhum desses textos é incompatível com a imersão. O que eu afirmo é apenas isto: **nenhum deles a impõe.**

5. As figuras: mar, nuvem e arca

Dois textos são citados como demonstrações da imersão. Examinados de perto, apontam na direção contrária.

1 Coríntios 10.1-2 — "todos os nossos pais estiveram debaixo da nuvem e todos passaram pelo mar. Todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar."

Israel não foi submerso na nuvem: esteve **debaixo** dela, e a umidade da nuvem descia sobre o povo. E Israel não foi submerso no mar: atravessou **em seco** (Êx 14.22,29), com paredões de água dos dois lados. Quem foi de fato imerso foi o exército egípcio — e essa imersão foi juízo, não salvação.

1 Pedro 3.20-21 — Noé e os seus foram "salvos por meio da água", e Pedro diz que "isso simboliza o batismo que agora também salva vocês".

A arca não afundou. Ela flutuou. A água que caía vinha **de cima**, e os que estavam dentro da arca foram preservados enquanto o mundo ao redor era submerso.

O padrão é notável nos dois casos: **os salvos foram preservados entre as águas; os ímpios é que foram imersos.** Se quisermos extrair simbologia de gesto desses textos, a efusão e a aspersão se ajustam melhor do que a submersão. O que Paulo e Pedro querem dizer, no entanto, é outra coisa: identificação com o povo de Deus e livramento pela ação divina, não a coreografia hídrica.

6. O batismo com o Espírito: "derramado" e "vindo sobre"

Este é, para mim, o argumento mais forte a favor da legitimidade da efusão — e, curiosamente, o menos discutido.

Como a Escritura descreve a vinda do Espírito?

- "Derramarei do meu Espírito sobre toda a carne" (Jl 2.28; At 2.17).
- "Até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto" (Is 32.15).
- "Vocês receberão poder ao descer sobre vocês o Espírito Santo" (At 1.8).
- "O Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a palavra" (At 10.44).
- Deus o "derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo" (Tt 3.6).

O campo semântico é inteiramente de cima para baixo. Espírito derramado, descendo, vindo sobre.

Agora observe a construção paralela de João Batista: "Eu os batizo **com** água... ele os batizará **com** o Espírito Santo e com fogo" (Lc 3.16; Mt 3.11). O mesmo verbo, a mesma preposição, os dois batismos na mesma frase.

Pergunta legítima: se "batizar com o Espírito" significa derramamento, por que "batizar com água" teria de significar imersão? A simetria da frase resiste a essa leitura assimétrica.

E há um princípio teológico por trás disso. Em ambos os batismos, **a ação vem de Deus sobre a pessoa**. Quando alguém é batizado com água, a água é aplicada à pessoa. Quando alguém é batizado com o Espírito, o Espírito é aplicado à pessoa. Não é a pessoa que se aplica ao elemento.

Os três símbolos bíblicos do Espírito confirmam a direção:

- **Óleo** — derramado sobre a cabeça de Saul e de Davi, e o Espírito veio sobre eles (1Sm 10.1–6; 16.13).
- **Água** — "espalharei água pura sobre vocês... e porei dentro de vocês o meu Espírito" (Ez 36.25–27).
- **Fogo** — línguas como de fogo que **pousaram sobre** cada um (At 2.3).

Todos de cima para baixo.

7. Purificação, sangue e coração aspergido

A Escritura associa purificação à aplicação do elemento sobre a pessoa:

- "Espalharei água pura sobre vocês, e vocês ficarão purificados de todas as suas impurezas" (Ez 36.25).

- "Aproximemo-nos com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura" (Hb 10.22).
- Os eleitos o são "para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1Pe 1.2).
- Moisés purificou o povo por aspersão de sangue, e Hebreus trata isso como tipo da purificação perfeita em Cristo (Hb 9.19–28).

Em 1 João 5.6–8, o Espírito, a água e o sangue concordam num só testemunho — e concordam também no modo de aplicação: o sangue era aspergido, a água dos ritos judaicos era aspergida, e o Espírito é derramado.

Nada disso legisla o gesto batismal. Mas mostra que o simbolismo bíblico da purificação **conversa naturalmente** com a efusão e a aspersão.

8. O batismo de João e a Lei de Moisés

Um argumento histórico que merece atenção.

Jesus identificou João Batista como o Elias que havia de vir (Mt 11.14; 17.12–13), cumprindo Malaquias 3.1–3 — o mensageiro que prepararia o caminho e **purificaria os filhos de Levi**.

E como a Lei mandava purificar os levitas? "Asperja sobre eles a água da purificação" (Nm 8.6–7).

João era profeta, mas não podia introduzir um ritual de purificação estranho à Lei sem provocar reação. E, no entanto, "muitos fariseus e saduceus" — os observadores mais rigorosos da Lei — vinham ao seu batismo (Mt 3.7). Aquele rito lhes era reconhecível.

Isso não prova que João batizava por aspersão. Prova que o batismo dele estava dentro da moldura ritual judaica, e essa moldura comportava mais de um gesto.

9. O testemunho histórico: o *clínica baptisma*

A Igreja antiga enfrentou desde cedo situações em que a imersão era impossível: enfermos acamados, prisioneiros, moribundos, regiões áridas.

A resposta foi o chamado **clínica baptisma**, o batismo de leito, ministrado por derramamento. Cipriano de Cartago defendeu expressamente a validade sacramental desses batismos, argumentando que o essencial é o sinal com a Palavra e a fé da Igreja, não o volume de água.

Pense nas situações práticas que a Igreja apostólica certamente enfrentou. Paulo e outros presos batizando companheiros de cárcere e guardas convertidos — como, numa cela?

Missionários em regiões desérticas. Enfermos em estágio terminal. Pessoas com feridas graves, hidrofobia, condições que tornam a submersão perigosa ou impossível.

Uma teologia que declara inválidos esses batismos está dizendo, na prática, que a graça de Deus depende da hidrologia local.

10. Teologia do sinal: onde reside a eficácia

O batismo é **água com a Palavra** (Mt 28.19), dentro da economia da graça.

A eficácia repousa na promessa de Deus, não na quantidade de água (Tt 3.5–7; Cl 2.12). Como vimos na primeira lição, Pedro faz questão de esclarecer que o batismo "não é remoção da sujeira do corpo" (1Pe 3.21) — ou seja, o efeito não é hídrico.

Se a eficácia estivesse no volume, teríamos de estabelecer um mínimo. Quantos litros? Que profundidade? Quantos segundos submerso? A pergunta é constrangedora justamente porque revela o equívoco da premissa.

A forma, portanto, é **instrumental ao significado** e deve ser escolhida com prudência pastoral e caridade.

11. A minha posição

Digo com toda a clareza: **a Escritura não impõe um modo único de administrar o batismo**. Imersão, efusão e aspersão são modos válidos. A forma é matéria adiáfora — não essencial — subordinada ao mandato de Cristo, à fé e à caridade cristã.

Reconheço as forças de cada preferência, e reconheço de bom grado:

- **A imersão** representa melhor a identificação com a morte e a ressurreição de Cristo (Rm 6.4; Cl 2.12). É bela, é antiga, é a preferência expressa da Didaqué. Quem a pratica tem sólidas razões bíblicas.
- **A efusão e a aspersão** correspondem melhor aos ritos judaicos de purificação e ao derramamento do Espírito Santo (Êx 24.8; Nm 8.7; 19.13; Ez 36.25; Tt 3.5–6; At 1.5; 11.15–16; 1Pe 1.2; Hb 9.19; 10.22). Também têm sólidas razões bíblicas — e, a meu ver, expressam com mais precisão o batismo com o Espírito.

Ambas as tradições estão dentro da Escritura. Nenhuma delas pode reivindicar exclusividade.

O que **não** é aceitável é desqualificar o batismo de um irmão por causa da forma, ou instigar rebatismo com desdém pelo batismo anterior. "Há um só corpo e um só Espírito...

um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4.4–5). Rebatizar por motivo de forma fomenta divisão no corpo de Cristo e não encontra justificativa bíblica.

Aqui volto à provocação do início, que agora tem endereço. Se a forma exata fosse indispensável à validade do sacramento, esse rigor deveria valer também para a Ceia — vinho e pão ázimo, como na instituição. A maioria das igrejas que exigem imersão estrita serve suco de uva e pão fermentado sem qualquer escrúpulo. Essa incongruência é difícil de justificar, e ela sugere que o problema real não é hermenêutico, mas identitário.

Aplicação prática

1. Escolha a forma com critério pastoral, não com ansiedade doutrinária. Se as condições permitem e o batizando prefere a imersão, use imersão. Se há enfermidade, limitação física, escassez de água ou constrangimento legítimo, use efusão. A validade não muda.

2. Explique antes. Boa parte do conflito nasce da ignorância. Quando a congregação entende que a Igreja sempre reconheceu mais de um modo, o assunto deixa de ser bandeira.

3. Não humilhe ninguém. A imersão coloca o corpo em exposição. Para pessoas idosas, obesas, com deficiência ou vítimas de trauma, isso pode ser um obstáculo real e desnecessário. O pastor deve oferecer alternativa sem que a pessoa precise pedir.

4. Receba com honra os batismos alheios. Quem chega à nossa igreja com batismo trinitário — por imersão, efusão ou aspersão, na infância ou na idade adulta — chega batizado. A recepção se dá por profissão de fé, confirmação pública ou renovação dos votos batismais, não por rebatismo.

5. Ofereça a renovação de votos. Quando alguém já batizado deseja marcar publicamente uma experiência atual de conversão, ofereça uma cerimônia de memória e reafirmação do batismo. Ela atende à necessidade espiritual sem contradizer Efésios 4.5.

Reflexão pastoral

Já vi famílias se dividirem por causa disso. Já vi filho constranger o pai idoso, batizado há sessenta anos por aspersão, dizendo que aquilo "não contou". Já vi gente convertida há décadas, fiel, frutífera, ser tratada como não batizada porque a água não subiu acima do pescoço.

Nada disso vem da Escritura. Vem de uma leitura seletiva que transformou uma preferência legítima em fronteira de comunhão.

Quando administro um batismo, seja de que modo for, o que digo é sempre a mesma coisa: "Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". O peso está ali, naquele nome. Ele não fica maior com mais água nem menor com menos.

Podemos discutir a forma com liberdade e até com paixão. O que não podemos é fazer dela um muro dentro da casa de Deus.

Perguntas para discussão em classe

1. Se a forma do batismo fosse essencial, que tipo de evidência bíblica deveríamos esperar encontrar? Encontramos?
2. Como você responderia a alguém que diz "*baptizo* significa imergir, ponto final"? Que textos você usaria?
3. Reveja o argumento da seção 6 (batismo com o Espírito). Ele convence você? Por quê?
4. Em 1Coríntios 10.1–2 e 1Pedro 3.20–21, quem de fato foi imerso? O que isso sugere?
5. Que situações concretas na sua igreja local tornariam a imersão impraticável? Como sua igreja lidaria com elas hoje?
6. A comparação com a Ceia do Senhor (suco de uva e pão fermentado) é justa? Por quê?

Notas e referências

1. *Didaqué* 7.1–3. Tradução, introdução e notas: Pe. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1989, p. 19.
2. Cipriano de Cartago, *Epístola* 69 (a Magno), sobre o *clínica baptisma*.
3. Tácito da Gama Leite Filho, *Seitas Proféticas*, p. 108.
4. BDAG e *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, s.v. βαπτίζω.
5. Eclesiástico (Sirácida) 34.30, texto grego.
6. John Wesley, *A Treatise on Baptism* (1756), sobre o modo do batismo.

*Citações bíblicas: Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo indicação em contrário.
metodistalivre.org.br · Bispo Ildo Mello*